

A ARTE DE AGREGAR VALOR AO AÇO

Para Sicetel, produto brasileiro perde competitividade diante da avalanche de importados.

As empresas filiadas ao Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos (Sicetel), executam a primeira agregação industrial à jusante das usinas siderúrgicas e constituem um dos mais importantes elos da cadeia metal mecânica. Nesta entrevista exclusiva à revista Siderurgia Brasil, o presidente da entidade e diretor-presidente da Fitas Indústria e Tecnologia S/A, Daniele Pestelli, ressalta a importância desse setor para toda a indústria nacional e explica as ações de divulgação e defesa do produto nacional ante a avalanche dos importados, principalmente da Ásia.

Foto: Divulgação



Siderurgia Brasil – Dentro da cadeia da indústria metal-mecânica, quais são os produtos e serviços oferecidos pelas empresas associadas ao Sicetel?

Daniele Pestelli – Dentro da cadeia metal-mecânica, a primeira etapa é a indústria siderúrgica, dedicada à produção da matéria-prima – o aço –, que pode ser na forma de aços longos ou aços planos. O Sicetel representa a primeira atividade industrial à frente desse setor. As empresas do nosso segmento são, fundamentalmente, preparadoras de matéria-prima para os segmentos industriais seguintes. Por exemplo, no caso do aço plano, existem as relaminações de aço, como Mangels, Armco, Brasmetal, entre outras. Essas empresas recebem a matéria-prima plana com uma determinada especificação e a transformam em outras, de acordo com as necessidades dos seus clientes. Ainda nos aços planos, as empresas do nosso se-

tor que processam aços para o setor elétrico: recebem a matéria-prima das usinas e a conformam em lâminas que vão ser utilizadas pela indústria eletroeletrônica, em núcleos de motores e transformadores. Quando partimos de aços longos, destaca-se, entre outras atividades, a trefilação de arames e de barras, uma modificação semelhante àquela feita na laminação plana.

SB – Qual é a parcela do aço que sai das usinas e é processado pelas empresas do setor?

Pestelli – Trata-se de um volume muito grande. Nós estamos falando de algo em torno de três milhões de toneladas por ano. Considerando que a indústria siderúrgica nacional tem uma capacidade de quarenta milhões e o consumo doméstico é de trinta milhões de toneladas, isso significa que cerca de 10% do consumo nacional de aço passa pelas empresas representadas pelo Sicetel.

SB – Quais são as tarefas que o Sicetel desenvolve para impulsionar o setor que representa?

Pestelli – Nossa entidade tem duas linhas de trabalho importantes. Uma é eminentemente técnica, focada no processo industrial e dedicada a difundir os valores e conceitos de manufatura, bem como processos administrativos sofisticados. Cabe observar que, para laminar um aço, é preciso ter um bom conhecimento metalúrgico para que essa laminação seja a mais perfeita possível. Ou para trefilar, precisam ser feitos ajustes precisos no processo e, quanto mais estiverem disseminados no setor, mais eficiente será essa atividade e com um custo menor. Como produtividade é faturamento dividido pelo custo, um custo menor aumenta a produtividade. E na parte de gestão e de economia, luta-se pela defesa comercial das empresas do nosso setor de atividade. Segundo os últimos dados do IABr, no ano passado, o Brasil importou o equivalente a cinco milhões de toneladas em peças e produtos finais. Isso significa que o nosso país, que sete anos atrás era exportador líquido de peças e materiais de origem siderúrgica, passou a ser importador líquido desses produtos. Numa situação como essa, a defesa comercial é uma tarefa extremamente importante. E ainda no lado econômico, existe a divulgação de boas técnicas de gestão entre as empresas do setor. Por último, o Sicetel também comanda as negociações trabalhistas de diversos sindicatos da área metalúrgica, vinculados ao Grupo 19-III da Fiesp.

SB – *Quais são os fatores que levaram à transformação do Brasil de exportador líquido em importador líquido de produtos siderúrgicos?*

Pestelli – O Brasil tem um conjunto de fatores que afetam a competitividade do nosso setor. Quando olhamos pelo lado tributário, nos vemos prisioneiros de uma realidade em que a estrutura de defesa do cidadão gerada pela Constituição de 1988 é muito próxima da européia – mas, hoje, a Europa está tendo uma convulsão para realizar mudanças nessa estrutura. Já no caso da China, a aposentadoria, por exemplo, é representada por um filho – o aposentado não recebe nada do Estado. Não estou dizendo que isso seja certo ou errado, mas o fato é que isso significa uma nova realidade de alocação de recursos, que muda completamente o enfoque econômico da agregação de valor no processo de transformação das matérias-primas. Além desses custos sociais e tributários – que a China não tem –, o Brasil também tem um custo estrutural elevado. Tudo isso cria um alto custo para a sociedade, que recai sobre os custos de operação e de agregação de valor das indústrias. Mas se olharmos um pouco mais superficialmente, o dólar é que realmente faz a diferença. No ano 2000, o dólar estava a R\$ 1,80 e, hoje, depois de uma acumulação de 165% de inflação, pelo critério do IGP-M, o dólar continua a R\$ 1,80. Cabe perguntar onde foram parar esses 165% de inflação? Então, essa situação do câmbio é completamente incompatível com a gestão, produtividade e eficiência da organização brasileira.

SB – *Considerando que o Brasil está enfrentando uma avalanche de importações, qual é a taxa*



TRADE = TRADIÇÃO / TRABALHO FER = SERVIÇOS E QUALIDADE EM FERRO E AÇO

Empresa fundada em 30 de julho de 1989, vem oferecendo por todos estes anos qualidade e segurança conquistando pouco a pouco seu espaço no concorrido mercado de ferro e aço. Reafirmando com isto, as intenções iniciais como no sonho de seus fundadores, que o tempo se encarregou de confirmar mantendo assim a tradição.

Hoje com firme propósito de fornecer serviços na comercialização e industrialização de toda a linha de materiais ferrosos e não ferrosos, a TRADEFER vem adquirindo confiança e respeito.

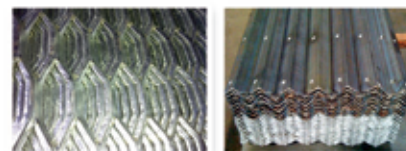
OXICORTE



LINHA DE PRODUTOS EM GERAL



PROJETOS ESPECIAIS



cambial que equilibraria os preços externos com os nacionais?

Pestelli – Os clientes do nosso setor, de uma maneira geral, falam em algo em torno de 25% a 30% de diferença entre os preços internos e dos produtos importados. Se o dólar está hoje em torno de R\$ 1,80 e acrescentarmos a ele 25%, isso significa que uma taxa em torno de R\$ 2,25 equilibraria os preços internos com os externos, interrompendo esse processo avassalador de entrada de produtos. Por outro lado, essa taxa não provocaria grandes mudanças, porque nossos clientes já aprenderam a importar e eles vão continuar adquirindo no exterior uma parcela do que eles importam hoje (até por uma questão estratégica). Hoje, esse processo se concentra na China, mas depois pode mudar para a Índia, para o Vietnã ou, quem sabe, para países da África, mas é um processo que não poderá ser mais totalmente interrompido.

SB – *No caso dos produtos fornecidos pelas empresas associadas ao Sictel, qual é o percentual da demanda atendida por produtos chineses?*

Pestelli – Percentualmente é difícil responder de maneira uniforme. Quando você olha um produto mais sofisticado, por exemplo, no meu ramo de atividade, que é o de processamento de aço para finalidade elétrica, a direção elétrica de um automóvel é um produto sofisticado e dificilmente é fornecido por uma empresa chinesa. Não quero dizer com isso que nenhuma empresa chinesa tem qualidade, mas esses produtos são de fato mais sofisticados e, nesse caso, os componentes vêm de países europeus. Mas em se tratando de produtos mais simples, eles vêm da Ásia e, hoje, algo em torno de 70% das importações de produtos relativos ao nosso setor vem da China.

SB – *Estamos falando só de produtos finais ou também da importação de matérias-primas?*

Pestelli – Vamos tomar como exemplo a cadeia da indústria automobilística, que tem pelo menos quatro elos. Vindo da ponta, temos a montadora e, depois, o sistemista, o fabricante de peças, o nosso setor (que prepara a matéria-prima da siderúrgica para o fabricante de peças) e as usinas siderúrgicas. Quando falamos de importação indireta, estamos falando de importação de carros,



SICTEL

de produtos feitos pelos sistemistas, de autopeças e de produtos feitos pelo nosso setor. Vejamos como exemplo o motor de partida fabricado pelo sistemista e entregue para a montadora. Nesse motor de partida há uma peça oriunda do aço longo, que é o eixo, outra do aço plano laminado, que é a carcaça, e outra do aço plano magnético, que forma a parte do motor propriamente dito. Há então diversos componentes que se originam do nosso setor e da indústria siderúrgica. Considerando a hipótese de o motor de partida ser importado pelo sistemista e entregue para a montadora local, já teremos como importação indireta, além do automóvel, o motor de partida. Alternativamente há, ainda, a possibilidade de o sistemista importar a lâmina para o seu motor de partida, o que também toma nosso mercado. Então, ele estará fabricando o motor de partida no Brasil, porém, com um insumo importado. Veja que, em cada um desses exemplos estará ocorrendo a importação de produtos e peças e, portanto, de um volume equivalente de toneladas de aço.

SB – *Em sua opinião, a solução emergencial deveria vir através do câmbio?*

Pestelli – Duas coisas poderiam acontecer: o Brasil deixar de ter o câmbio livre, adotando um patamar limite de oscilação do valor cambial, ou poderiam ser estabelecidas proteções pontuais através da elevação da alíquota de imposto de importação para as cadeias mais importantes da indústria de transformação, que está perdendo empregos. Essa indústria é aquela que melhor remunera os seus trabalhadores e demanda mais formação acadêmica, induz valores mais intensos na sociedade, como as técnicas de gestão e que, portanto, tem uma importância muito grande na sociedade brasileira. E no processo de defesa, poderia ser feita alguma ação mais pontual através do aumento de alíquotas ou pela exigência de alguns documentais. Um exemplo (e talvez não seja o melhor) é a Argentina, que adotou as licenças prévias para a importação de produtos, de modo a cercar o processo de entrada no país. Mas, no meu modo de ver, esse é um processo um pouco artificial. O correto mesmo seria através de uma taxa mais equilibrada do dólar.

SB – *Essa sugestão de defesa temporária já foi formalizada ao governo?*

Pestelli – Considerando que mais de 40% de nossa atividade está vinculada à cadeia automotiva, no ano passado, de forma surpreendente, o governo estabeleceu alguns parâmetros de proteção da indústria automobilística no Brasil, definindo um patamar de conteúdo local ou de valor agregado nacional. No início deste ano, nós estivemos envolvidos no questionamento de como esse processo se amplia dentro da cadeia. Nossa proposta é de estabelecer alguns parâmetros dentro desse mecanismo de política industrial que está sendo estabelecido. Aliás, o ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior está trabalhando nisso e já há vários sinais, através da imprensa, de que no mês de abril será lançada uma proposta de política industrial para a cadeia automotiva, que abrangerá de 2013 até 2016. Nós estamos participando desse processo, fomos chamados a apresentar nossas propostas e em breve serão montados comitês para a defesa de cada um dos elos da cadeia metal mecânica.

SB – *Quais são outras ações desenvolvidas pelo Sictel?*

Pestelli – Nosso setor processa três milhões de toneladas de aço por ano e emprega cerca de trinta mil trabalhadores e é, portanto, um setor bastante expressivo na economia, mas pouco conhecido pela sociedade. Quando se fala, por exemplo, do Sindipeças, as pessoas rapidamente associam com as empresas que fabricam peças para a indústria automobilística, mas não existe a mesma visão da sociedade em relação ao Sictel. A ideia é dar um pouco mais de extensão em função da importância que nós temos dentro desse processo. Estamos fazendo um movimento para transformá-lo numa entidade mais conhecida, para que a defesa de nossas atividades seja reconhecida como um valor da própria sociedade. Na diretoria do Sictel, entendemos que não é uma pessoa só que vai fazer a diferença; a diferença acontece quando valores firmam-se fortemente na cabeça das pessoas. Somos todos vetores sociais e, à medida que nos alinhamos, a resultante desses vetores é algo extraordinário. O que nós pretendemos fazer, aos poucos, é que a sociedade entenda a

importância do setor e a importância da agregação tecnológica que se faz em cima de cada produto que emerge dos clientes das empresas do nosso segmento. E desse modo conseguir que a sociedade defenda a nossa indústria e a indústria siderúrgica brasileira.

SB – *Já houve alguma medida concreta nesse sentido?*

Pestelli – Estamos participando dos grandes movimentos empresariais e de trabalhadores, em defesa da indústria nacional e contra o processo de desindustrialização que está ocorrendo em nosso país. Somos signatários de todos esses documentos e, além disso, estamos elaborando o Prêmio Sictel, que anualmente terá um determinado tema. Neste ano será a 'Iniciativa Social' e a premiação deverá acontecer no segundo semestre, comemorando o 78º aniversário da entidade. A nova diretoria também criou um departamento de comunicação, que está implementando essas ações, mantendo uma interlocução constante com a mídia externa. Dentro dessas duas vertentes já citadas – a técnica e de defesa e gestão econômica –, já foram selecionados dois veículos, que são, respectivamente, a revista da ABM e a revista Siderurgia Brasil. Com a primeira, já foi firmado um convênio para a veiculação de artigos técnicos e para a concessão de prêmios dentro dos congressos da ABM. Já a Siderurgia Brasil será o canal de veiculação dos temas mais políticos e econômicos. O Sictel também participa da ExpoAço com um estande institucional.

SB – *O senhor tem algum comentário adicional que considere pertinente?*

Pestelli – Como em toda a indústria, no nosso setor há uma grande necessidade de enxergar a verdade de forma clara e, para isso, é preciso ter dados estatísticos que possam ser transformados em informação. Nesse sentido, o Sictel está selecionando uma empresa que será responsável pela formatação de uma matriz de acumulação de dados estatísticos sobre o setor. A ideia é montar uma estrutura que tenha condições de viabilizar a utilização dessa matriz estatística de tal forma que seja possível dispor de informações constantemente atualizadas. ■